

Era uma vez

Parei de dedilhar ruidosamente no teclado e reli o texto ao mesmo tempo que coçava a cabeça com um lápis: «Olharam-se. Os metros de distância que os separavam não tinham importância porque os pensamentos materializaram-se, caíram ao chão e fizeram ricochete até fugirem. Naquele milésimo de segundo durante o qual sustiveram o olhar, tudo parou; na janela, até a brisa que agitava as árvores cessou. Mas ela pestanejou e ambos afastaram o olhar, envergonhados, atordoados e de imediato seduzidos pela ideia de se apaixonarem por um desconhecido.»

Revirei os olhos, pousei o lápis na mesa e levantei-me como se alguém me tivesse posto uma mola na cadeira.

— Que grandessíssima merda!

Sabia, evidentemente, que ninguém me ouviria, mas precisava de dizer em voz alta a única coisa que me passava pela cabeça naquele momento. «Isto é uma merda.» Era como o início da *Guerra das Estrelas*, mas numa versão mal escrita. Grandessíssima merda. Uma enorme merda. Uma merda do tamanho da bosta que estava a escrever, que era gigante.

Estava sem ideias, essa era a triste verdade. As cinquenta e sete folhas que já tinha escrito mais não eram do que um monte de tolices com as quais me justificava, claro. Tolices idiotas e horríveis, dignas de um concurso literário do liceu. Ao fim do dia exigia a mim mesma ter escrito pelo menos duas páginas, se bem que, dada a situação atual, começasse já a agradecer dois ou três parágrafos sofríveis. Sofríveis? Isso era esperar muito.

Passar o dia inteiro em frente ao computador não fazia muito sentido. Estava sozinha em casa e, por isso, não precisava de fingir, além de que sabia perfeitamente que, naquele momento, nada me sairia brilhante. Ou talvez nunca. De modo que da sala de jantar/escritório/sala de estar passei para o quarto, percurso que demorava nada mais de três passos, e sentei-me na cama. Olhei para os meus pés descalços e, ao ver o verniz das unhas todo descascado, fiquei horrorizada, de modo que aproximei o cinzeiro de mim e acendi um cigarro...

Como eu fora em tempos... Desde quando me parecia aceitável aquele nível de desleixo? De seguida, olhei de relance para o telefone e, depois de pensar durante milésimos de segundo, peguei nele.

Tocou uma vez... duas... três...

— Sim? — respondeu.

— Imaginemos que sou uma fracassada, continuarias a gostar de mim? — perguntei sem preâmbulos.

Lola deu uma gargalhada que me fez vibrar o tímpano.

— És uma paranoica — respondeu.

— Não é paranoia. Ainda não consegui escrever uma única frase de jeito. Na editora, vão dar-me um pontapé no rabo. Um pontapé enorme. Ou, pensando melhor, para eles vai ser indiferente. Eu é que estou a dar um pontapé a mim mesma.

— Mais ninguém, além de mim, te pode dar um pontapé no rabo, Valéria — acrescentou carinhosamente, como quem faz uma carícia.

— Sabes o que é mais difícil para um escritor? Publicar o seu segundo romance. Segundo romance... Isso, pelo menos, implica já ter alguma coisa. O que eu tenho entre mãos é uma grande bosta. Vai ser a minha segunda merda.

— És maluca.

— Estou a falar a sério, Lola. Acho que cometi um erro quando deixei o emprego. — Levei as mãos à cabeça e reparei no balançar frrouxo do meu rabo-de-cavalo desfeito.

— Não digas asneiras. Estavas farta do teu trabalho até à raiz dos cabelos, o teu chefe era tão feio que doía e agora tens o suficiente para viver. Qual é o problema?

O problema é que o dinheiro não dura para sempre e «tentar a sorte no mercado editorial» sempre me parecera uma aposta demasiado arriscada. Pensei nisso durante um segundo, mas a buzina de um autocarro do outro lado da linha do telefone distraiu-me. Olhei para o relógio. Era apenas meio-dia, Lola tinha de estar a trabalhar.

— Apanho-te numa má altura? — perguntei-lhe.

— Claro que não!

— Estou a ouvir o barulho do trânsito. Estás na rua?

— Sim, inventei no trabalho que estava com uma dor horrível no pulso. E vim às compras.

Abanei a cabeça, sorrindo em desaprovação. Esta Lola...

— Não sei como sabia que não te ia apanhar no trabalho se te ligasse a esta hora. Um dia destes ainda te dão com os pés, querida.

Soltou uma gargalhada.

— Sou rápida e eficiente, acho que não procuram mais do que isso para um trabalho como o meu.

— Talvez alguém que não falte tanto — respondi enquanto me apercebia de que a minha manicura também deixava muito a desejar.

— Apetece-te que passe por aí?

— Claro que sim.

Desligou. Lola não se despede ao telefone.

Pus-me a pensar na vida de Lola, tão agitada, com a sua agenda vermelha sempre cheia de encontros e eventos que pareciam tão importantes e emocionantes, nem que fosse uma visita à esteticista para fazer depilação completa. A sua esteticista, sim, era uma mulher a quem apelidara de «Miss Saigão», mas que na verdade nascera em Plasencia e que uma vez me deixou abananada e sem um único pelo, sem aviso prévio.

Nos momentos mortos, eu gostava de coscuvilhar as páginas da agenda vermelha de Lola, onde ela tinha toda a sua vida anotada. Os números de telefone dos homens com quem saía, os quilos que pesava, as vezes que dava uma queca (e eram muitas, para minha grande inveja), as vezes que planeava ir ao ginásio e aquelas em que realmente ia, os copos que bebia, os cigarros que fumava, os seus encontros com Sérgio, as peças de roupa emprestadas, as que deixava na lavandaria e as que tinha de comprar para abastecer o seu armário, milhares de